

Contra as alterações climáticas

Geração GUARDIÃES

Quando um miúdo de 15 anos acordou consciências na Assembleia Geral das Nações Unidas, percebeu-se que os mais jovens podem ter um papel decisivo na salvação do planeta: Xiuhtezcatl e os seus Earth Guardians são um fenómeno à escala mundial

No dia 29 de junho último, um miúdo de 15 anos, com aspeto índio, os cabelos negros compridos caindo-lhe pelas costas, de fato e camisa branca, sobe em passos lentos até ao púlpito da Assembleia Geral das Nações Unidas, que em Nova Iorque discute o problema das alterações climáticas. Apresenta-se, mas começa a falar numa língua estranha e desconhecida, o dialeto nahuatl, que leva muitos delegados a socorrerem-se dos auscultadores, em busca da tradução. A situação, porém, só melhora quando ele passa a pronunciar-se em espanhol, e depois em inglês. Serenamente, sem recorrer uma única vez aos apontamentos, fala, durante cerca de dez minutos, da necessidade de olhar sem hesitações para as alterações climáticas, de como se tornou imperativo que as pessoas ali presentes, com capacidade de decisão, atuem para salvar o planeta, em prol das gerações vindouras. Não se perturba com olhares distraídos, apertos de mãos ocasionais, sinais de algum desinteresse, entre tanta gente responsável. No final, os aplausos parecem circunstanciais, mas a mensagem não o fora.

O miúdo chama-se Xiuhtezcatl Roske-Martinez, nasceu no Colorado e é a voz de uma geração. De uma geração de guardiães, que rompeu com a velha ideia de que quem decide são os adultos, as crianças que esperem pelas suas decisões. Roske-Martinez, diretor para a juventude do movimento Earth Guardians, está a inspirar milhares de jovens em todo o

mundo na luta pela salvação do planeta. Os seus vídeos no YouTube tornaram-se virais (nomeadamente o filme *Kid Warrior*, que conta a sua extraordinária história), já há mais de 300 núcleos formados 25 países, de todos os continentes, e até há quem lhe chame o “anti-Bieber”. Barack Obama atribuiu-lhe um prémio (em 2013, por Serviço Comunitário) e incluiu-o no seu Conselho da Juventude, e uma música dos Earth Guardians, *Speak for the Trees* (ele é também artista *hip-hop*), será o som de fundo da Conferência das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas, a realizar em Paris entre 30 de novembro e 11 de dezembro.

MUDAR O CURSO DA HISTÓRIA

O que disse Xiuhtezcatl nas Nações Unidas? Tudo, e em palavras simples: “O que muita gente parece não querer ver é que as alterações climáticas não são um problema do futuro. Está já a afetar o gelo nos polos e a subir o nível das águas nos oceanos. Afeta-nos agora, e vai continuar a piorar.” Apelou à ação: “O que está nas nossas mãos, hoje, é a sobrevivência desta geração e a continuação da raça humana.” Apontou medidas: “É tempo de olhar para os céus para procurar as soluções de que precisamos. O futuro da energia não está num buraco. Precisamos de perceber que não podemos continuar a tirar o que queremos sem dar nada em troca, sem compreender o dano que estamos a fazer ao planeta.”

O seu apelo é dramático: “Estamos a ser

desafiados para usar a nossa coragem, a nossa inovação, a nossa criatividade e a nossa paixão para trabalharmos por um novo mundo. Neste mundo em colapso que vemos, que melhor altura para nascer se não agora? Esta geração, as pessoas nesta sala, têm a oportunidade de mudar o curso da história. Os humanos criaram a maior crise da história do planeta, e este é o maior desafio para vencer. Quero que o façam connosco.”

LIGAÇÃO À TERRA

Boulder, Colorado: é aqui que vive o miúdo que tenho na minha frente, via Skype. Xiuhtezcatl tem uma segurança e uma convicção raras em alguém com a sua idade. Para ele, tudo isto é uma coisa natural, relacionada com a forma como cresceu: “Sempre aprendi a respeitar a terra; ganhei, desde pequeno, essa ligação, que tem a ver com a cultura azteca; sempre

aprendemos que éramos gente da terra, guardiães da Terra, e ao crescer fui entendendo que estamos a destruir o único planeta que temos. Por isso, senti a necessidade de o defender.”

Xiuhtezcatl nasceu em Boulder, filho de pai mexicano e de mãe norte-americana. Do primeiro, apreendeu uma forma ancestral de ligação à terra, transmitida oralmente, de geração em geração. Da mãe, herdou um ativismo convicto: Tamara Rose fundou em 1992, em Maui, no Hawai, uma escola chamada Earth Guardians, focada na transmissão dos valores sobre a Terra, os costumes, a necessidade de proteger o meio ambiente.

“A primeira vez que falei em público, tinha seis anos, num evento em Boulder... Falei das alterações climáticas, do problema que estávamos a provocar; tínhamos de assumir responsabilidades e ajudar a proteger o planeta. Depois disso, juntei-me com um grupo de amigos para

alertar para os químicos que estavam a destruir os pastos, falámos com os responsáveis da cidade e conseguimos alterar a situação... Como me fui apercebendo das situações? Vi muitos documentários desde pequeno, sobre animais, sobre o planeta, do *National Geographic*... A minha mãe e o meu pai também estavam muito identificados com a questão do ambiente, e alguns dos meus irmãos integraram antes de mim o movimento Guardiães da Terra...”

SEGUIR OS SONHOS

Fala com a segurança de um adulto. É um adolescente, mas aparentemente não é igual aos outros... Só aparentemente: “Sou normal, como os outros... Gosto de estar com os amigos, de fazer caminhadas, de praticar desporto, de jogar futebol... Tenho também os problemas normais dos adolescentes. Não tenho muito dinheiro, e a grande diferença é que trabalho

muito, tento seguir os meus sonhos e fazer algo de bom, falar, fazer música, transmitir coisas que aprendi e que podem fazer uma diferença positiva na minha comunidade.”

Seja como for, o crescimento dos Earth Guardians à escala mundial já mudou a vida de Xiuhtezcatl. De tal forma que, no primeiro semestre deste ano, não pode ir à escola: “Estou a viajar muito, todos os fins de semana... Vou à Califórnia amanhã, estive antes em Los Angeles, e antes em Nova Iorque... Como viajo muito, não é possível ir à escola... Em janeiro, regresso, e já sei que será muito difícil! Quando viajo, aproveito também para ter alguns tempos livres, para ir à praia, para conhecer... e também para aprender muito! Quando estou a viajar, aprendo mais do que sentado a ler livros. Experimentar o mundo é uma coisa de que muitos jovens não têm oportunidade, e todos os dias dou graças pelo que recebi.”

Falar ao mundo. Xiuhtezcatl acredita que o seu discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas alertou os delegados para a necessidade de deixar às gerações futuras um planeta habitável.





Pelos ouvidos. O ativista usa a música para fazer chegar a sua mensagem a jovens que possam estar alheados do problema.

► Colocaram em tribunal Obama e os Estados Unidos

Xiuhtezcatl (lê-se “chuTEZcat”) está muito ligado à cultura azteca, e o seu nome provém da língua nahuatl, segundo a tradição mashika. “Significa espelho”, esclarece. De uma forma mais correta, significa os reflexos do Sol e do céu. O nome foi-lhe atribuído às seis semanas de vida, numa cerimónia denominada Dia Mundial da Paz e da Oração, integrada numa tradição azteca denominada Arvol Looking Horse, com a contribuição do avô Xolotl Martinez, também ele um líder indígena, no Dakota do Sul. O nome foi escolhido com base no calendário azteca e no alinhamento astral à hora em que nasceu.

Com uma relação tão profunda a algo tão ancestral, parece incrível a naturalidade com que este jovem de 15 anos chegou a algo tão atual como a assembleia da ONU. Sorri com simplicidade quando lhe colocamos a questão: “Muitas culturas por todo o planeta estão a desaparecer, a espiritualidade está a desaparecer... Eu tenho uma missão para um mundo novo, com paz, liberdade, sustentabilidade, onde estejamos mais ligados com o outro e com a Terra... A minha ambição passa por combinar a tecnologia que agora temos com as vozes ancestrais, percebendo que as coisas

que nos ensinaram são muito importantes para o planeta. Todos estamos ligados, e temos obrigação de proteger e dar graças à Terra. Se temos água, dar-lhe graças, se temos Sol, agradecer-lhe, se temos chuva, dar graças à chuva.”

Por isso, Xiuhtezcatl não considera desperdiçados os dez minutos de discurso em Nova Iorque: “A princípio, os delegados estavam distraídos. Comecei a falar em nahuatl, não entenderam nada, não havia tradução, todos se interrogavam: ‘O que disse ele, o que disse ele?’ Depois... A minha mensagem era tão pura e inocente, perceberam que eu não estava ali por razões políticas ou por dinheiro, mas sim pela minha gente, pelas pessoas, pela Terra. Acho que eles escutaram e aprenderam que as decisões que tomam vão afetar as gerações futuras.”

A ÚLTIMA OPORTUNIDADE

Um dos papéis assumidos pelos Guardiões da Terra é o de responsabilizar os líderes políticos. Nesse sentido, e embora Xiuhtezcatl tenha recebido o prémio de Barack Obama, e de ter sido incluído na sua Comissão para a Juventude, o grupo colocou o país em tribunal: “Temos

uma ação contra os Estados Unidos e contra Obama, dizendo-lhes que não fizeram o seu trabalho de proteger o meio ambiente. Não fizeram o suficiente, e está na hora de fazerem a parte deles... Passei os últimos nove anos da minha vida a fazer a minha parte. Queremos um plano para travar as alterações climáticas, e Obama já disse muitas coisas boas, mas ao mesmo tempo deixou que a Shell perfurasse o Ártico... Precisamos de mais ação!”

A ação foi apresentada pela organização Our Children’s Trust: em nome de 21 jovens ativistas, juntamente com James Hansen, responsabiliza os Estados Unidos pela “extração contínua, transporte, exportação e queima de combustíveis fósseis, apesar de se saber que todas estas atividades causam danos graves na vida da juventude atual e das gerações futuras”. Outra ação corre em tribunal, contra a Comissão de Conservação do Petróleo e do Gás do Colorado, mais uma vez em colaboração com o Our Children’s Trust: em causa está a proibição total do *fracking* (o fraturamento hidráulico para extração de petróleo, que polui os lençóis freáticos) no Colorado.

O jovem ativista estará em Paris em dezembro, para acompanhar a conferência do clima: “Paris é talvez a última oportunidade para mudar a situação. A partir de agora, terá de haver ação. Sinto que vai acontecer algo de extraordinário, que vai mudar muito o que

Vinte anos a reunir

O que se espera de Paris? Ativistas, ambientalistas e movimentos de cidadãos exigem ação imediata, alegando que já não há mais tempo a esperar. O que farão os responsáveis políticos, os decisores? Alix Mazounie, responsável pelas políticas internacionais do *Réseau Action Climat France*, afirmou numa entrevista ao *Actu Environment* que o ideal seria que os estados programassem já o fim das energias fósseis e a chegada progressiva das renováveis. Não acredita, porém, que seja possível negociar o fim das energias fósseis, a nível mundial, até 2050. “Tanto o Grupo Internacional sobre a Evolução do Clima como a Agência Internacional de Energia dizem que é preciso manter dois terços de energias fósseis no solo para que haja possibilidade de manter a subida da temperatura global abaixo dos dois graus Celsius”, explica Mazounie. Assim, o mais provável é que a conferência de Paris acabe por redundar em compromissos para não aumentar o consumo de energias fósseis, sem, porém, grandes acordos para a redução do que já existe. Há mesmo quem considere que será impossível um acordo que mantenha a subida do aquecimento global abaixo dos 2 °C. Espera-se que em Paris os estados se comprometam com reduções em períodos sucessivos de cinco anos e que, de uma forma colectiva, se estabeleça um objetivo a longo prazo, como, por exemplo, que em 2050 o mundo apenas utilize energias renováveis. Será isto possível?

O pontapé de saída em todo este processo foi dado em 1992, no Rio de Janeiro. A Convenção do Clima, realizada no âmbito da Conferência das Nações sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, foi o primeiro sinal de que começavam a ser ouvidos os alertas de ambientalistas e ecologistas sobre a forma como o estilo de vida ocidental estava a alterar as condições climáticas. A partir daí, o clima não voltou a sair da agenda.

A COP – Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima – teve a sua primeira edição em 1995 e reúne todos os anos os países que assinaram e ratificaram a Convenção e o Protocolo de Quioto, que este ano deverá ser substituído por um novo acordo. Eis o que se avançou em vinte anos de reuniões.

Berlim, 1995 – Começaram a negociar-se metas e prazos para a redução da emissão dos gases com efeito de estufa pelos países desenvolvidos.

Genebra, 1996 – Foram criadas obrigações legais de metas de redução da emissão dos gases com efeito de estufa.



Quioto, 1997 – Japão, Estados Unidos e União Europeia assumem reduções maiores, respetivamente de 6, 7 e 8 por cento. Porém, os Estados Unidos não ratificam o acordo, que por isso não entra em vigor. Buenos Aires, 1998 – Discutiu-se a implementação e ratificação do protocolo de Quioto, através da criação de alguns mecanismos de compensação. Bona, 1999 – Discutiu-se o papel desempenhado pelas florestas e pelo uso da terra na redução das emissões de gases com efeitos de estufa.

Haia, 2000 – A COP6 foi suspensa e adiada para o ano seguinte; foram criados mecanismos de compensação, nomeadamente o comércio de emissões.

Bona, 2001 – Foram debatidos os limites de emissão para países em desenvolvimento e a ajuda financeira pelos países desenvolvidos. Marraqueche, 2001 – Definição dos mecanismos de flexibilização e estabelecimento de fundos de ajuda a países em desenvolvimento. Nova Deli, 2002 – Adesão da iniciativa privada e de organizações não governamentais ao Protocolo de Quioto.

Milão, 2003 – Estabelecidas regras para projetos de reflorestamento, essenciais para a obtenção de créditos de carbono.

Buenos Aires, 2004 – Aprovadas regras de implementação do Protocolo de Quioto; divulgação de inventários de emissão de gases com efeito de estufa.

Montréal, 2005 – Primeira Conferência das Partes do Protocolo de Quioto, finalmente em vigor. Instituições europeias defendem



redução das emissões de 20 a 30% até 2030.

Nairobi, 2006 – Revisão de itens do Protocolo de Quioto. Estabelecidas regras para o financiamento de projetos de adaptação às mudanças climáticas.

Bali, 2007 – Estabelecidas metas de emissão até 2009, e compromissos para a redução das emissões causadas pelo desmatamento das florestas tropicais.

Poznan, 2008 – Discutido um possível acordo climático global; participação do ex-vice-presidente norte-americano, Al Gore, e mudança de posição dos países em desenvolvimento.

Copenhaga, 2009 – Impasse sobre metas de redução de emissões; fixado um limite máximo de 2 °C de aumento da temperatura média global.

Cancún, 2010 – Criação do Fundo Verde do Clima, para administrar o dinheiro que os países ricos se comprometeram a dar para esta luta.

Durban, 2011 – Países comprometidos a definir metas até 2015, para serem colocadas em prática a partir de 2020.

Doha, 2012 – Mantém-se o impasse entre os países do norte e do sul; estendido o prazo do Protocolo de Quioto, que porém só vale para os países desenvolvidos que emitam gases de estufa abaixo dos 15%.

Varsóvia, 2013 – Antecipação de questões e debates para a COP21, em Paris.

Lima, 2014 – Rascunho de um novo acordo global a entrar em vigor em 2021, a ser aprovado em Paris, substituindo o Protocolo de Quioto.

Bandeiras nacionais

Em Portugal, o movimento ambientalista nunca teve uma expressão muito forte, mas gradualmente, sobretudo após o 25 de Abril, veio ganhando algumas vozes. Num livro publicado em 2005 pelas Publicações Europa-América, intitulado *Raízes do Ambientalismo em Portugal*, o filósofo e historiador Viriato Soromenho-Marques faz uma boa resenha dessa evolução. Começa, primeiro, por tentar compreender um certo alheamento da sociedade portuguesa em relação a estas questões – ruralidade, pouco espírito competitivo, escassa literacia, burocracia –, para depois explicar algumas reações no período pós-25 de Abril, nomeadamente à contestação da opção nuclear, com destaque para Afonso Cautela, diretor do Movimento Ecológico Português, e Delgado Domingos, académico com reflexões muito importantes sobre o tema.

Foi depois deste período inicial que surgiram vozes como as Gonçalo Ribeiro Telles ou Carlos Costa Marques. Quando o partido ecologista alemão Os Verdes passou a barreira dos 5 por cento, em 1983, constituindo um grupo parlamentar, tudo começou a mudar, sobretudo na Europa. Em Portugal, surgiu também um partido Os Verdes, e em 1985 várias organizações não governamentais participaram no 1.º Encontro Nacional de Ecologistas. A partir de então, foi crescendo, na sociedade portuguesa, a consciência sobre os problemas ambientais, e em finais da década de 80 organizações como a Quercus, a Liga para a Proteção da Natureza e o GEOTA já mostravam capacidade de afirmação. “A Quercus tem feito muito trabalho nos últimos 30 anos, na sensibilização ambiental sobre alterações climáticas, uso racional de energia e transportes, maioritariamente em escolas, mas também para a população em geral”, resume João Branco, presidente da Direção Nacional da Quercus. O ambientalista dá relevo à participação da organização, desde 1999, nas Conferências das Partes sobre Alterações Climáticas. A Quercus tem *online* uma página sobre a COP21, na qual João Branco deposita muitas expetativas: “O que se espera é um acordo ambicioso dos países com assento nas Nações Unidas, para redução das emissões com gases de efeito de estufa até 2030. Neste momento, já existe um texto muito adiantado para este acordo, no qual está bem claro que é necessário limitar o aumento da temperatura global a 2 °C. Espera-se também que haja metas indicadoras para 2020 e revisão dos compromissos de cinco em cinco anos, para certificar que se continua no caminho certo de redução das emissões”.



João Branco está confiante nos resultados da COP21.

João Branco compreende as dificuldades que marcaram as anteriores conferências (“É necessário uma mudança drástica, que leva tempo a ser construída, e leva tempo a convencer a classe política a tomá-la”), mas acredita que ainda é possível salvar o planeta: “A encíclica papal foi muito importante para chamar a atenção da comunidade católica, e da população em geral, para esta problemática. O papa Francisco tem tido uma intervenção muito importante nesta temática, desde a sua participação na cimeira da ONU em que foram aprovados os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, em setembro passado, até à reunião com os ministros europeus antes do Conselho do Ambiente da União Europeia, onde foram definidos os objetivos que a EU vai levar para Paris.” O líder da Quercus considera que Portugal tem tido um papel interessante na produção de energias renováveis, mas, diz, “falta agora a aposta na energia fotovoltaica de forma descentralizada, e próximo do local de consumo”. João Branco pede também “uma aposta clara nos transportes públicos e integração dos modos suaves na rede de mobilidade urbana”. Portugal não é, aliás, um país de grandes “combates” ambientalistas; grande parte das questões referem-se, naturalmente, a problemas no litoral e na zona costeira, onde atualmente talvez se trave a “batalha” mais significativa a nível interno: as perfurações na costa algarvia (e alentejana) para procurar petróleo e gás já levaram à formação da Plataforma Algarve Livre de Petróleo, que junta 15 organizações de cariz ambiental, entre as quais a Quercus, a Liga para a Proteção da Natureza, o GEOTA, a Almargem ou a SPEA. Uma luta “agendada” para 2016, quando se preveem as perfurações.

No sangue. Dos irmãos, Itzcuahtli, de 13 anos, é o que mais acompanha Xiuhtezcatl nas lutas dos Earth Guardians.



► Os cinco irmãos de Xiuhtezcatl partilham a causa ambiental

nunca disse nada contra o Justin Bieber.”

Aos 15 anos, Xiuhtezcatl é um adolescente completamente comprometido com uma causa. Como será daqui por alguns anos, já adulto? Há quem o indique como um futuro líder político, talvez mesmo presidente, mas não é assim que ele se vê: “Ah... Quero fazer música, viajar, não quero perder o que tenho... Política? Vi as pessoas nas Nações Unidas e percebi que a política consome toda a energia, a paixão, a inspiração, tudo o que temos de bonito... Não creio que venha a ser um líder político. De movimentos, sim...”

O que vier promete. Para trás, em nove anos de ativismo, ficam ações de significado inegável: colaboração com mais de 50 organizações ambientais para banir os pesticidas dos parques de Boulder; negociações para impor uma taxa sobre os sacos de plástico; regulamento sobre o uso das cinzas do carvão; moratória sobre o *fracking* no Colorado; centenas de apresentações, sobre *fracking* e alterações climáticas, em escolas e conferências; trabalho com o cientista James Hansen, da NASA, para elaborar um plano de recuperação da atmosfera, com o apoio já conseguido de mais de 80 elementos do Congresso norte-americano. Em 2012,

Xiuhtezcatl esteve no Rio de Janeiro, na conferência das Nações Unidas sobre o clima, sendo um dos mais jovens oradores. Também compositor de piano, gravou o álbum *Journey*, e é da sua autoria a banda sonora do documentário *Trust Colorado*, premiado em 2012 como Melhor Documentário sobre Ambiente.

Prémios, aliás, não faltam a este adolescente fenomenal: desde 2012, multiplicam-se, e vão desde o *International Eco Award*, ao *Peace Maker of the Year* e ao *Volunteer of the Year*. Recentemente, deslocou-se a Nova Iorque para receber mais um: o *Peace First*, que distingue jovens, entre os 8 e os 22 anos, que personificam causas e movimentos para a paz mundial.

NA ESTEIRA DE XIUHTEZCATL

O jovem ativista tem cinco irmãos, todos empenhados na salvação do planeta. Itzcuahtli (lê-se “itSQUATli”), de 13 anos, é aquele que mais o acompanha em diversas ações mobilizadoras, nomeadamente nas músicas *hip-hop* que muitas vezes servem como chamado de jovens que não estariam identificados com o movimento. A HBO produziu o vídeo da canção *Be the change*, e o álbum *Generation*

Ryse. Três irmãs, Isa Caress, Tonantzin e Jasmine, atuam muitas vezes com eles.

Itzcuahtli tem uma mensagem forte, que não pode deixar ninguém indiferente: “Os oceanos estão a acidificar, os ecossistemas estão a colapsar, vemos tempestades cada vez mais fortes e desastres em todo o planeta, deslocando pessoas e destruindo lares. Estamos a viver a maior extinção em massa desde a era dos dinossauros. Estava sentado no aeroporto de Newark, com a minha família, para regressar ao Colorado, e pensei: de que serve ir para a escola e para a universidade aprender aquilo tudo, se depois não há um mundo em que valha a pena viver?”

Isto levou-o a pensar em fazer algo drástico. Assim, em 2014, decidiu fazer um voto de silêncio, durante 15 dias, de forma a inspirar as pessoas a falarem sobre as gerações futuras. Milhares de jovens, em todo o mundo, juntaram-se a ele em 10 de dezembro de 2014. Uma ação semelhante está proposta para 10 de dezembro deste ano: uma hora, ou um dia, em silêncio. Antes, no dia de abertura da conferência de Paris, os Earth Guardians propõem uma greve: que os jovens não se desloquem à escola mas vão para as ruas mostrar a sua posição sobre a situação. O movimento conta apresentar ao secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, um milhão de assinaturas, que estão a ser recolhidas pela internet.

J.S.